

## **PORTUGUÊS**

### ***Mães também gozam***

**por Bebel Barreto. Artista, Curadora e Mãe.**

O trabalho *Mães também gozam*, evoca o corpo feminino e materno como um espaço de resistência simbólica, aponta para um ativismo revolucionário operando desde o íntimo-pessoal ao público-coletivo. Resiste pois não permite uma leitura óbvia dos seus códigos, mas sim opera pela via do desejo, vontade de um discurso estético-político destinado a estampar fachadas, vestir prédios e tomar as ruas. Grande como a coragem, a força e afetuosidade que Bruna Alcantara opera diante de sua trajetória.

Corpo, gênero e sexualidade comparecem em sua poética como uma perspectiva “suleada”, se agenciando com as produções de artistas latino-americanas que permaneceram numa produção de vanguarda desde a segunda onda feminista -período de censura na América do Sul- até a atualidade. Essas que fazem do seu corpo-obra uma bandeira de legitimação para a construção de uma epistemologia feminista contemporânea. Elas e suas mãos que bordam, um gesto íntimo, um diálogo entre olho e mão, se “hermanam” silenciosamente via gesto. E seu movimento gera estratégias políticas através de suas obras e na personalidade de cada corpo, como uma conversa coreográfica.

A bandeira é também um objeto temperado de desobediência epistêmica, ao tratar a sexualidade materna de forma natural, quase como uma traição ao nome da mãe, comumente mais relacionado a castidade que a materialidade humana da espécie. Soma-se a esses elementos o uso do espaço público como um modo de significar que nem sempre a casa é sinônimo de acolhimento e segurança para mulheres, o que torna a obra necessária.

Era setembro de 2022, me sento na sala de casa para analisar o estado da bandeira depois de pegá-la no Ateliê Sanitário, onde Bruna havia participado do II Salão Vermelho de Artes Degeneradas. A bandeira de tecido rosa em letras vermelhas que diziam: “MÃES TAMBÉM GOZAM”. Nossa bandeira, como chamo carinhosamente, essa que representa a coletivA de artistas-mulheres-mães, esse grito entalado estava lá, com quase 5m de altura, cobrindo a fachada do local. Respiro.

Restaurar a peça, ter esse objeto perto de mim, era como também me coser, remendar a minha desesperança nas alegrias da vida-arte tão dura para nós mulheres, sobretudo se mães. Costurar os detalhes soltos, estendê-la no meio da minha sala e posteriormente hasteá-la com minhas mãos na mostra XXX Arte<sup>1</sup>, foi um processo político, pessoal e corporificação de um projeto coletivo

---

<sup>1</sup> Mostra artística realizada no Capiberibe27/RJ em setembro de 2022 que teve como eixo central o tema da sexualidade e suas intersecções (maternidade, política, humor, erotismo, espiritualidade e afeto) curada por mim e mais duas artistas-mães, Sílvia Schiavone e Dani Cavalcante. Com participação de mais de 40 artistas a mostra contemplou trabalhos de artes visuais, vídeo, instalações e performances.  
@x.x.x.arte

de liberdade. Trazer os temas pessoais (maternidade, a casa, relações e tudo isso que “não deveríamos”) para o centro da criação artística é para Bruna como é para nós artistas-mulheres-mães, fundamental. Conversar com a artista através do toque no objeto de arte, cuidar do seu discurso poético e ser por ele cuidada. Ser mãe-curadora costurando a bandeira, ser acolhida através do objeto pela mãe-artista e gozarmos da dignidade momentânea, ali juntas. Embaladas e encontradas através da obra, objeto que carrega os afetos e os processos, é costurar novas formas de família, articular diferentes formas de estar, tornar coletiva a tarefa, a função e repensar o sistema de arte.

Esses temas por tanto tempo silenciados, assim como nossos nomes nas obras não assinados, como todo trabalho doméstico invisível de economia do cuidado (que representa 11% do PIB nacional) necessitavam da delicadeza -desse rosa para abrir caminho ao discurso que viria continuação: as letras vermelhas e a frase que diz algo natural, lido socialmente como um ato de irreverência. Um pouco boa, mas também um pouco perversa. Boa posto que para falar de problemas sistêmicos é preciso estratégia, perversa porque com bondade sabemos historicamente qual lugar foi oferecido para nós mulheres. Dessa maneira, Bruna Alcantara cria uma metodologia que possibilita a leitura, para criar um caminho de subversão, humor, afeto e assim gritarmos coletivamente.

## **ENGLISH**

### **Mums Also Cum**

**by Bebel Barreto. Artist, Curator, and Mother.**

The work Mothers Also Cum, evokes the female and maternal body as a space of symbolic resistance and points to revolutionary activism operating from the intimate-personal to the collective-public. It resists because it does not allow an obvious reading of its codes, but rather operates through desire, the desire for an aesthetic-political discourse destined to adorn fronts, dress buildings and take over the streets. It is great such as the courage, strength, and affection with which Bruna Alcantara operates before her trajectory.

Body, gender and sexuality appear in her poetics as a perspective “guided by the south”, acting with the production of Latin American artists who remained in avant-garde creation from the second feminist wave -period of censorship in South America- to the present day. Those who make their body-oeuvre a legitimizing banner for the construction of contemporary feminist epistemology. They and their hands which embroider an intimate gesture, a dialogue between eye and hand, silently “sistered” via gesture. And their movement generates political strategies through their works and in the personal individuality of each of their bodies, like a choreographic conversation.

The flag is also a tempered object of epistemic disobedience, by treating maternal sexuality in a natural way, almost as a betrayal of the mother's name,

commonly more related to chastity than the human materiality of the species. Added to these elements is the use of public space as a way of signifying that the house is not always synonymous with shelter and safety for women, which renders her art necessary.

It was September 2022, I sat down in my living room to inspect the condition of the flag after picking it up at Ateliê Sanitário, where Bruna had participated in the II Salão Vermelho de Artes Degeneradas. The pink fabric flag in red letters that said: "MUMS ALSO CUM". Our flag, as I affectionately call it, the one that represents the collective of artist-women-mothers, that wedged cry was there, almost 5 meters tall, covering the exterior of the place. I breathe.

Restoring the piece, having that object close to me, was like sewing myself up, mending my hopelessness in the joys of life-art, which is so hard for us women, especially mothers. Sewing the loose details, laying it out in the middle of my living room, and later hoisting it with my hands at the XXX Arte exhibition, was a political and personal process and the embodiment of a collective project of freedom. Bringing personal themes (motherhood, home, relationships and all that "we shouldn't") to the center of artistic creation is as fundamental for Bruna, as it is for all of us artists-women-mothers. Talking to the artist by touching the art object, caring for her poetic discourse, and being cared for by it. Being a mother-curator sewing the flag, being welcomed through the object by the mother-artist, and enjoying momentary dignity, together in that moment. Finding each other boosted by the work, an object that carries the affections and processes, is to sew new forms of family, articulate different ways of being, make the task, the function collective, and to rethink the art system.

These themes silenced for so long, as well as our names in unsigned works, as well as all invisible domestic work in the care economy (which represents 11% of the national GDP), needed the tenderness -of that rose to open the way for the discourse that would follow: the red letters and the phrase that says something natural, socially read as an act of irreverence. A little kind, but also a little wicked. Kind, since to talk about systemic problems one needs strategy, wicked because we know historically which place was kindly offered to us, women. In this way, Bruna Alcantara devises a methodology that makes reading possible, creating a path of subversion, humor, affection, for us to collectively scream.